

## Os desafios da mulher na profissão de vigilante

Eu resolvi encarar uma profissão bem masculina, precisei driblar o preconceito de estar em um ambiente característico dos homens, fui julgada por escolher uma profissão perigosa. No dia da mulher, quero homenagear não só a mim, mas a todas as mulheres e dizer que amo ser vigilante e desempenho o trabalho tão bem quanto os homens e que atrás da farda sempre mantenho o meu lado feminino sempre vivo.

Há 19 anos, sou vigilante com muito orgulho. Eu optei por ser segurança. Fiz cursinho, fazia de noite e cuidava dos meus filhos durante o dia, virei vigilante bem jovem, quando a profissão era exercida apenas por homens, o que logo causou um preconceito por parte da sociedade, e por ser mãe, tive dificuldades para arrumar emprego. Eles diziam que não dava para me contratar por causa dos filhos, que eu iria me atrasar, iria faltar. Até que um dia eu fui contratada por uma empresa que terceiriza vigilantes.

Apesar disso, assim como no início, continuo sentindo as consequências de ter escolhido uma profissão exercida em grande maioria por homens. No dia a dia, já tive que provar que desempenho a função tão bem quanto eles, não tenho um pingão de medo, para esse lado eu sou muito forte, eu ponho a roupa de vigilante e mudo. A mulher frágil desaparece e me torno um "pitbull", como dizem meus colegas de profissão.

A escolha profissional me deixa realizada. Eu adoro arma, sou apaixonada por isso, gosto do risco, o risco me atrai, quando entrei ganhei o apelido de sargento, por parecer durona. Muitos se enganam com minha personalidade e minhas preferências. A profissão é masculinizada e, por causa disso, a maioria acha que a gente é lésbica ou sapatão. Tem muito disso, já recebi cantada tanto de homem, como de mulher. Na minha família, alguns têm medo, alguns têm receio, falam que é perigoso, falam para eu sair, mas eu gosto!

Antes de entrar em ação, brinco e dou risadas com os outros vigilantes do posto, mas quando visto a farda, tudo muda. Eu sou brava na hora que eu tenho que ser. Não é uma profissão que eu tenho que mostrar os dentes, senão o povo monta e não é assim que funciona. Se um homem me desafia ou se é grosso comigo, respondo à altura.

Apesar do jeito, nunca perco a feminilidade. Pinto as unhas, uso colares e não descarto a maquiagem no ambiente de trabalho, custei a me acostumar com o uniforme igual ao dos homens. No começo eu sofri muito, eu relutei para usar colete e coturno, mas se eu estava nessa eu tinha que enfrentar. Quando entra ou sai do posto, ninguém imagina qual é a minha profissão, subo no salto, coloco uma blusa bem feminina e saio de bolsa na mão. Eu tento estar sempre arrumadinha, sempre bonitinha, jamais perco a minha feminilidade, muitos se espantam quando me veem fora do ambiente de trabalho, por conseguir manter uma postura séria e lidar com armas no meu dia a dia.

A verdade é que amo a profissão que escolhi, faço questão de mostrar o valor

da mulher, independente da função que escolher. Para mim, o preconceito ainda existe, e aos poucos as pessoas estão aprendendo a respeitar o poder feminino no mercado de trabalho. A mulher está no mesmo nível do homem, às vezes, até melhor. Eu, pelo menos, me orgulho do meu emprego, da minha condição. Eu não sou perfeita, mas acho que trabalho muito bem.

Nome: Deyse Florentino Góis.